

Quando vê que um filho precisa de cuidado e proteção extra, o que a matriarca faz? Vai à luta por eles. No dia delas, contamos histórias de mulheres que abraçaram causas diversas em favor da prole

POR LETÍCIA MOUHAMAD\* E CARLOS SILVA\*

O ano era 1970. A carreira profissional estava de vento em popa. Suas coleções de moda, com tantas referências nacionais, eram sucesso no exterior. E o ateliê, sempre frequentado por celebridades. No entanto, uma vida que parecia próspera, aos poucos, era tomada pela angústia da ausência. O Brasil vivia sob uma ditadura militar, e Zuzu Angel procurava pelo filho desaparecido, Stuart. Certa de que ele já não estava vivo, exigiu do Estado, ao menos, um corpo para sepultar. Em 1976, tornou-se, também, estatística: foi assassinada.

Antes de ter a vida interrompida, porém, a estilista decidiu se fazer ouvida. Implorou aos órgãos de segurança, fez denúncias à Anistia Internacional e até bateu de porta em porta nos quartéis. Os tecidos de suas criações, antes tão alegres, deram lugar a figuras de pássaros enjaulados e negros, canhões, manchas vermelhas e anjos entristecidos. Era preciso mostrar o que acontecia em seu país, mas também acolher outras mães que compartilhavam da sua tristeza. Há quase 50 anos, Zuzu transformou — como tanto se diz hoje — luto em luta.

E não foi a única. A associação Mães da Praça de Maio, da Argentina, ficou conhecida internacionalmente por reivindicar a verdade sobre seus filhos desaparecidos na ditadura do país. No Brasil, há movimentos com exigências diversas, desde aqueles que visam combater a violência policial e cobrar justiça por parte do Estado, como o Mães de Maio e o Mães de Acari, até os que desejam levar conhecimentos à sociedade, com o fim de protegerem seus filhos do preconceito e da marginalização.

### Maternidade também é ato político

Falar sobre maternidade implica trazer à tona questões relativas aos papéis de gênero. Não há como dissociar. Afinal, por muito tempo, tornar-se mãe significou abrir mão das próprias escolhas (e de si mesma) e sofrer sozinha todos os desafios

# Mães ativistas

Tatyane de Camargo conseguiu, na Justiça, o direito de cultivar cannabis em casa para ajudar no tratamento do filho Ricardo



Ed Alves/CB/DA.Press

que a criação de um ser impõe. Nas associações, muitas mulheres compartilham o julgamento que recebem do restante da família quando a vida dos seus filhos é atravessada por dificuldades. Para elas, quem diria, sobra mais essa responsabilidade.

Daí o sentimento de solidariedade e união dentro dos movimentos que organizam. Cada uma sabe a cruz que carrega e nem por isso desconsideram a história das demais, mesmo que diferente. Acolhem-se. Nesse sentido, a maternidade sai da esfera privada, do cuidado individual e doméstico, e ganha dimensão coletiva, política. Para Tatiane Duarte, doutora em antropologia pela Universidade de Brasília e membro do Coletivo de Mães da UnB, é preciso

romper com a exclusão das mães de espaços políticos e de poder, a fim de garantir uma atuação plena e com acesso a direitos.

“Nós não somos guerreiras nem queremos uma maternidade de batalha. Reivindicamos uma maternidade que possa ser o que ela é: potência revolucionária e beleza; que nos seja plena e com acesso a direitos, à dignidade e à cidadania”, destaca. Dessa forma, a Revista conta, nesta edição especial de Dia das Mães, histórias de mulheres que se mobilizam e desenvolvem um papel político e social em prol dos filhos, das próprias demandas e da sociedade. Elas são, como Tatiane mencionou, potência!

\*Estagiários sob a supervisão de Sibele Negromonte